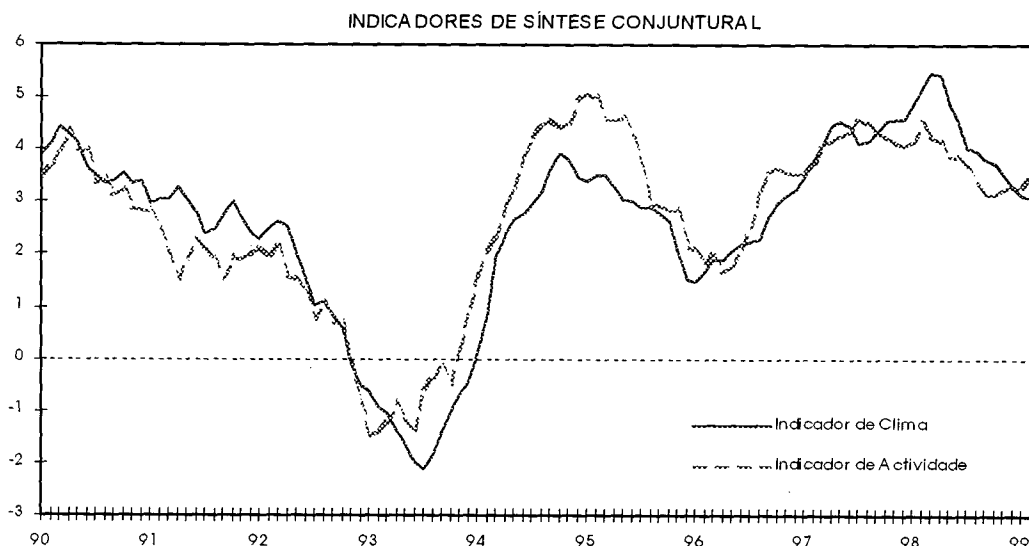




SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
PORTUGAL

Março de 1999



A desaceleração económica dos últimos meses fez com que a Comissão Europeia voltasse a rever em baixa as suas previsões quanto ao crescimento da UE em 1999. Segundo as novas previsões, o PIB da UE deverá crescer apenas 2,1 por cento durante o corrente ano. O crescimento homólogo deste indicador já tinha baixado para 2,2 por cento durante o quarto trimestre de 1998 e o andamento dos indicadores conjunturais sugere que o crescimento económico da UE voltou a enfraquecer até ao final de Março. A desaceleração continua a ser mais forte na indústria transformadora, tendo alguns países da UE conhecido já uma quebra produtiva neste sector durante os três primeiros meses do ano. A CE prevê também uma importante desaceleração do crescimento dos Estados Unidos durante o corrente ano, mas a taxa de desemprego deste país desceu para apenas 4,2 por cento em Março, evidenciando que a economia revela ainda uma grande pujança económica, com destaque para o crescimento da despesa das famílias.

A Comissão Europeia prevê também um abrandamento do crescimento em Portugal, para 3,2 por cento, durante o corrente ano. Os indicadores de síntese conjuntural apresentaram um andamento próximo desta projecção durante o primeiro trimestre, constatando-se comportamentos diferenciados a nível sectorial. O crescimento económico foi acompanhado pela reanimação do mercado de emprego, verificando-se uma nova descida do número de desempregados.

O comércio continua a beneficiar do dinamismo da procura interna, particularmente da despesa das famílias. O indicador de confiança dos consumidores melhorou até ao final de Março, acompanhando a marcha do desemprego, destacando-se as apreciações muito favoráveis das famílias quanto à evolução da sua situação financeira. A confiança dos consumidores esteve na origem dos fortes crescimentos das vendas de automóveis e da procura de habitações, apesar desta ter desacelerado um pouco durante os dois últimos trimestres. Em contrapartida, verificou-se um importante abrandamento do ritmo de crescimento do investimento em todas as suas componentes. A evolução muito intensa da procura interna esteve na origem da forte subida das importações ao longo de 1998, mesmo durante o seu último trimestre. Apenas as importações de bens intermédios acompanharam a desaceleração da actividade industrial.

Como as exportações evoluíram em sintonia com o andamento da procura mundial e viram o seu valor baixar já em termos homólogos durante o quarto trimestre de 1998, a procura externa líquida contribuiu muito negativamente para a evolução do PIB em 1998, sobretudo durante o último trimestre. A procura externa manteve um perfil descendente até ao final de Março, o que deverá ter originado um cenário idêntico durante o conjunto do primeiro trimestre. É de referir que o valor das vendas com destino aos mercados extra-comunitários sofreu uma quebra homóloga de 18,6 por cento durante os dois primeiros meses de 1999.

A inflação voltou a subir em Março, tendo a percentagem de variação homóloga mensal atingido 3 por cento. No entanto, o indicador da inflação subjacente, tal como a inflação dos serviços e dos bens transaccionáveis não alimentares, manteve-se estável. A subida da inflação ficou essencialmente a dever-se aos comportamentos anómalos dos preços de alguns produtos agrícolas.

Catálogo recomendada

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL. Lisboa, 1997-
Síntese económica mensal / ed. Instituto Nacional de
Estatística. - Novembro 1997- . - Lisboa : I.N.E.,
1997- . - 30 cm
Mensal
ISSN 0873-9374

Director

Presidente do Conselho de Administração
C. Corrêa Gago

Editor

Instituto Nacional de Estatística
Av. António José de Almeida
1000 LISBOA
Telefone: (01) 847 00 50
Fax: (01) 847 85 78

Composição

INE - Gabinete de Estudos
Área Económica

Impressão

INE - Secção de Artes Gráficas

Tiragem: 550 exemplares

Depósito legal n.º 117748/97

Para esclarecimentos sobre a informação apresentada contacte:

Gabinete de Estudos - Área Económica

Dr. Francisco José Melro - Ext. 3821

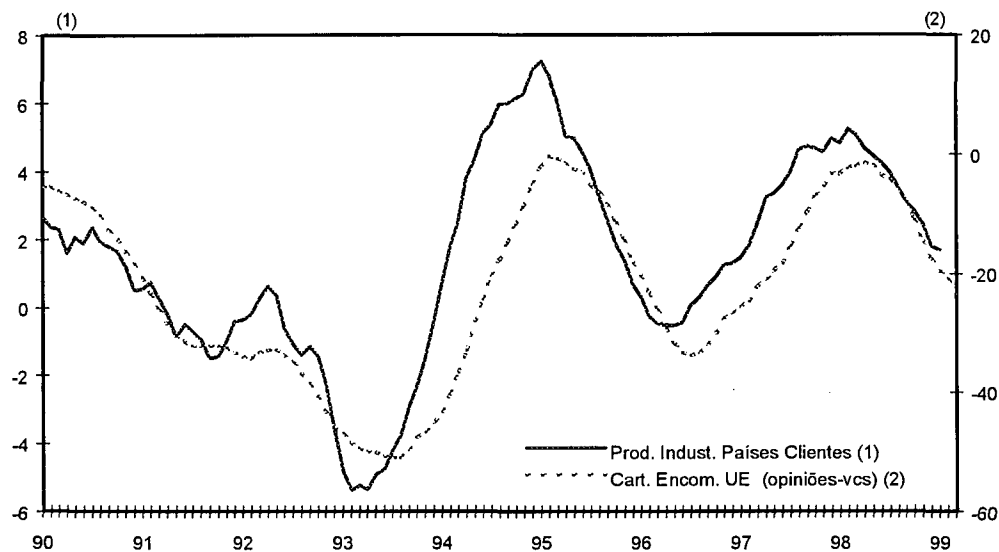
O INE na Internet
<http://www.ine.pt>

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

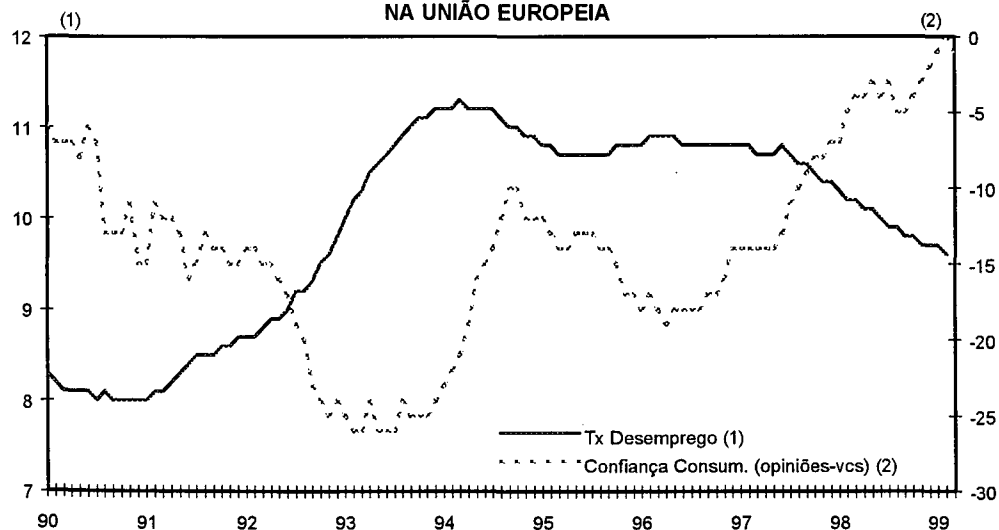
MARÇO DE 1999

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Jan.99	Fev.99	Mar.99
ENQUADRAMENTO EXTERNO								
PIB dos Países Clientes (tvh-volume)	3.5	3.0	2.8	2.5	-	X	X	X
Produção Industrial dos Países Clientes (índice)	5.1	4.2	3.1	1.8	-	1.7	-	-
Cart.Encomendas da Indústria na UE (opiniões-vcs)	-2	-3	-8	-18	-23	-21	-23	-26
Indic.Confiança dos Consumid.na UE (opiniões-vcs)	-5	-4	-4	-3	-1	-1	0	-1
Taxa de Desemprego na UE (valor mensal)	10.2	10.1	9.9	9.7	-	9.7	9.6	-
Preços no Consum.na UE (ind.mensal harmonizado)	1.3	1.6	1.3	1.0	-	0.9	1.0	-
Preços de Produção nos Países Forneced. (índice)	0.7	0.1	-0.8	-1.6	-	-	-	-
Preços de Matérias-Primas (índice "The Economist")	-11.0	-21.6	-21.1	-18.3	-16.9	-16.9	-17.1	-16.9

CONJUNTURA INDUSTRIAL NO EXTERIOR



DESEMPREGO E CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES NA UNIÃO EUROPEIA



ENQUADRAMENTO EXTERNO

A Comissão Europeia reviu em baixa as suas previsões quanto ao crescimento económico na UE em 1999. O andamento muito negativo da procura externa justificou essa revisão. Os efeitos do abrandamento produtivo continuam a ser sobretudo sentidos na indústria transformadora.

Segundo as estimativas mais recentes da CE, o crescimento da economia mundial baixou em 1998 para 2,1 por cento. O dinamismo da procura interna permitiu que o crescimento da UE se situasse ainda em 2,9 por cento e que o dos Estados Unidos atingisse 3,9 por cento. No entanto, o enfraquecimento da procura mundial conduziu a um abrandamento significativo das exportações de mercadorias e da actividade industrial, devendo esta tendência desfavorável continuar a fazer sentir os seus efeitos em 1999. Assim, ao longo do corrente ano, o crescimento deverá baixar para 2,1 por cento na UE e para 2,7 por cento nos Estados Unidos. Por sua vez, a economia japonesa afundou-se na recessão, caindo 2,9 por cento em 1998 e devendo voltar a diminuir 1,3 por cento durante o ano em curso.

A CE prevê que os efeitos do abrandamento se farão sentir sobretudo durante o primeiro semestre do corrente ano e que a inexistência de pressões inflacionistas, os níveis reduzidos de taxas de juro, a confiança dos consumidores e a estabilização do ambiente internacional irão permitir uma reanimação da economia da UE durante o segundo semestre. A recente descida das taxas de juro na UE insere-se num esforço das autoridades comunitárias no sentido de atenuar e inverter a actual tendência de abrandamento económico.

Os sinais de arrefecimento económico têm sido mais significativos na UE do que nos Estados Unidos, onde a taxa de desemprego atingiu um novo mínimo histórico em Março. No entanto, a evolução da indústria tem sido semelhante. De facto, o crescimento da produção industrial dos EUA estabilizou em apenas 1,8 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro, apurando-se uma tendência semelhante na UE até ao final de Janeiro. As opiniões dos industriais da UE sugerem que a sua actividade manteve um andamento muito fraco

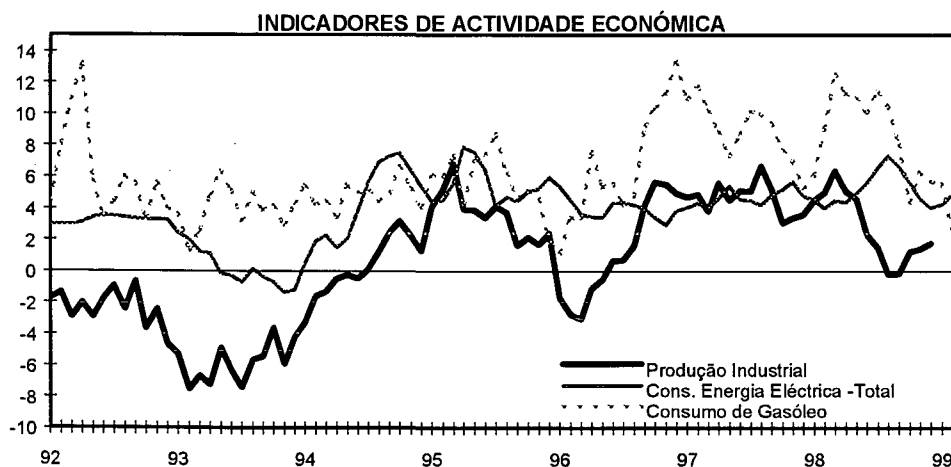
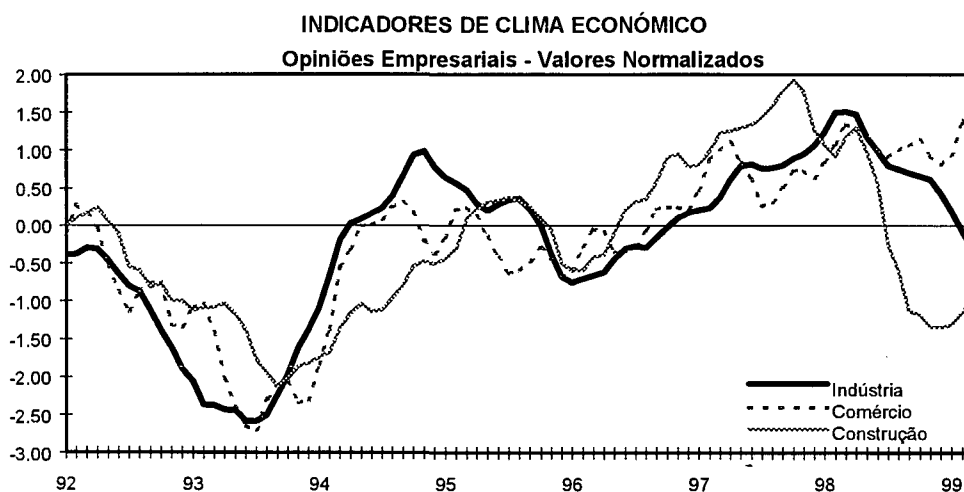
até ao final de Março. É na apreciação da sua carteira de encomendas externa que os industriais comunitários continuam a revelar-se mais pessimistas. Os dados relativos ao comércio externo de mercadorias confirmam que o valor das exportações manteve em Janeiro uma evolução negativa na UE, registando-se idêntica tendência nos EUA.

A confiança dos consumidores melhorou durante o primeiro trimestre de 1999, tanto na UE como nos Estados Unidos. O desemprego evoluiu em sintonia com este indicador, descendo em Fevereiro na UE para 9,6 por cento e em Março nos Estados Unidos para 4,2 por cento. A despesa dos consumidores deverá ter permanecido bastante forte, como se depreende da evolução das vendas no comércio a retalho em diferentes países. Esta evolução tem sido particularmente forte nos Estados Unidos, tal como o conjunto da sua procura interna, motivando sucessivas revisões em alta das previsões quanto ao crescimento deste país em 1999. O crescimento homólogo de 2,2 por cento do emprego não agrícola ao longo do primeiro trimestre confirma a pujança actual da economia norte-americana.

A inflação mantém um nível muito baixo. Assim, a variação homóloga do índice de preços no consumidor, harmonizado, da UE foi de apenas 1 por cento em Fevereiro, enquanto a variação homóloga do índice de preços no consumidor dos EUA se situava em 1,7 por cento em Março. Por sua vez, os preços de produção caíram durante o quarto trimestre de 1998 e registaram uma tendência semelhante no primeiro trimestre de 1999, segundo se depreende das apreciações dos industriais da UE.

A quebra dos preços das matérias-primas não energéticas continua a contribuir para a descida da inflação nos países industrializados.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Jan.99	Fev.99	Mar.99
INDICADORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICA								
Indicador de Clima Económico	5.4	4.5	3.8	3.3	3.1	3.1	3.1	3.1
Indicador da Actividade Económica	4.3	3.9	3.2	3.3	-	3.3	3.5	-
Produção da Indústria Transformadora (índice)	6.4	2.3	-0.2	1.8	-	-	-	-
Volume de Negócios da Indústria Transf. (índice)	12.0	6.9	5.1	0.7	-	0.8	-	-
Proc.Interna Bens Intermédios (opiniões-ve-mm3m)	-1	-6	-11	-15	-18	-15	-16	-18
Volume de Negócios no C.Retalho (índice)	11.1	12.8	9.1	10.6	-	-	-	-
Indicador de Clima na Indústria (opiniões-v.normal.)	1.51	0.99	0.70	0.43	-0.30	0.19	-0.08	-0.30
Indicador de Clima na Construção(opiniões-v.norm.)	1.18	0.55	-1.12	-1.34	-0.95	-1.31	-1.14	-0.95
Indicador de Clima no Comércio (opiniões-v.normal.)	1.35	1.02	1.06	0.81	1.86	0.92	1.36	1.86
Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto (vcs-mm3m)	58.1	59.9	61.3	55.3	-	56.5	-	-
CONSUMOS ENERGÉTICOS								
Energia Eléctrica - Total	4.5	5.6	6.7	4.0	5.4	4.2	4.8	5.4
Consumo de Gasóleo	12.5	10.1	8.1	5.7	-	5.5	2.6	-
Consumo de Fuel na Indústria Transformadora	7.6	1.6	3.8	-3.8	-	-3.7	-3.4	-



ACTIVIDADE ECONÓMICA

O ritmo de crescimento económico estabilizou durante os últimos meses em torno de 3 por cento. A indústria transformadora manteve um andamento muito fraco mas o sector do comércio continuou a evoluir muito favoravelmente. A manutenção de um crescimento económico ainda forte é confirmada pelo andamento do mercado de emprego.

O indicador de clima económico manteve durante o primeiro trimestre de 1999 um andamento estável, próximo de 3 por cento. Este indicador tinha revelado uma importante desaceleração ao longo de 1998. Por sua vez, o indicador de actividade económica apresentou uma evolução um pouco mais positiva, crescendo 3,5 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro. A análise conjunta destes dois indicadores revela que o crescimento económico se manteve forte durante os primeiros três meses do ano. A mesma leitura é fornecida pela subida das ofertas de emprego e pela diminuição do desemprego até ao final de Março.

Alguns sectores de actividade terão mesmo conhecido um andamento um pouco mais vivo durante os últimos meses. Assim, o indicador de clima do comércio registou durante o primeiro trimestre o seu nível mais positivo dos últimos anos, enquanto o indicador de clima na construção recuperava dos resultados menos favoráveis dos dois trimestres anteriores. Também o crescimento do consumo de energia eléctrica melhorou do mesmo período, atingindo 5,4 por cento, contra 4,1 por cento no trimestre anterior.

O bom andamento da actividade no comércio fora já evidente no crescimento homólogo de 10,6 por cento do índice de volume de negócios no comércio a retalho durante o quarto trimestre de 1998. No entanto, as vendas de materiais de construção não evoluíram em sintonia com o indicador de clima da construção, tendo o seu crescimento enfraquecido entre o quarto trimestre de 1998 e o primeiro trimestre de 1999.

Mais coerente se apresenta o conjunto da informação relativa à actividade na indústria transformadora, onde tanto os indicadores quantitativos como os indicadores qualitativos assinalam um andamento muito fraco. Assim, o índice de volume de

negócios da indústria transformadora teve uma subida homóloga de apenas 0,8 por cento durante o trimestre terminado em Janeiro e os industriais referenciaram um contínuo abrandamento da sua actividade até ao final de Março. O pessimismo dos industriais é extensivo às avaliações quanto ao nível das suas carteiras de encomendas global e externa.

Por sua vez, o consumo industrial (excluindo EDP) de fuel conheceu uma diminuição homóloga de 3,3 por cento durante os meses de Janeiro e Fevereiro, depois de já ter caído significativamente no final do ano passado, sugerindo a persistência de uma tendência desfavorável na produção industrial de bens intermédios. Também o número de automóveis montados em Portugal teve uma descida homóloga de 6,3 por cento durante os dois primeiros meses do corrente ano, após uma queda de 17,8 por cento no quarto trimestre de 1998.

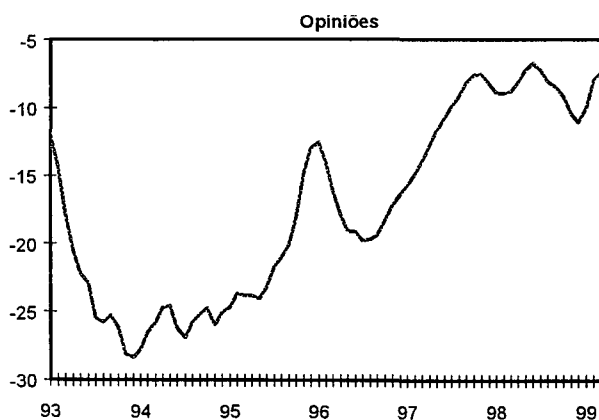
O menor dinamismo de alguns sectores económicos é igualmente sugerido pelo abrandamento do crescimento homólogo do consumo de gasóleo, que se situou em apenas 2,6 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro, o que constitui o andamento mais fraco deste indicador desde o início de 1996.

É de salientar que as taxas de ocupação hoteleira, corrigidas da sazonalidade, conheceram uma melhoria durante o trimestre terminado em Janeiro, embora se situassem abaixo do período homólogo.

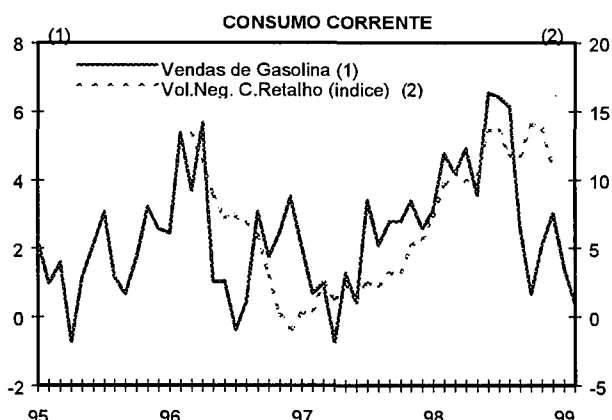
Nas suas previsões mais recentes, Março de 1999, a Comissão Europeia prevê que Portugal crescerá 3,2 por cento em 1999, contra uma estimativa por parte da mesma instituição de 4 por cento para 1998. A procura externa será o principal responsável por este abrandamento.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Jan.99	Fev.99	Mar.99
CONSUMO PÚBLICO	8.1	7.9	5.7	9.2	-	6.7	6.0	-
Despesas com Pessoal	8.9	8.3	7.3	9.7	-	8.0	7.2	-
Despesas com Bens e Serviços	-3.6	3.8	-6.5	7.1	-	-0.4	-0.3	-
SITUAÇÃO FINANCEIRA DAS FAMÍLIAS								
Inquérito aos Consumidores (Opiniões-ve-mm3m)	-8	-6	-5	-6	-4	-5	-4	-4
CONSUMO PRIVADO								
Indic. de Confiança dos Consumidores (opiniões)	-9	-7	-8	-11	-7	-10	-8	-7
Crédito ao Consumo (tvh-valor)	29.0	26.9	29.0	28.6	-	X	X	X
Operações da Rede Multibanco	18.9	22.6	21.7	22.1	-	20.7	20.1	-
Proc.Interna B.Consumo Indust.(opiniões-ve-mm3m)	-11	-9	-9	-9	-10	-8	-10	-10
CONSUMO CORRENTE								
Vendas no Com.Retelho B.Cons.Corr. (opiniões)	0	2	6	6	12	14	14	12
Vol.Negócios no C.Retelho B.Cons.Corr.(índice)	10.6	13.6	11.7	11.0	-	-	-	-
Vendas de Super e Hipermercados	8.4	13.3	9.8	7.8	-	5.7	7.8	-
Vendas de Gasolina	4.2	6.5	2.6	3.0	-	1.4	0.4	-
Dormidas na Hotelaria	3.3	9.5	8.9	5.9	-	-	-	-
CONSUMO DE BENS DURADOUROS								
Vendas no Com.Retelho B.Durad. (opiniões)	-8	4	-16	-20	17	-15	3	17
Vol.Negócios no C.Retelho B.Dur.(índice s/Autom.)	13.0	14.3	7.2	9.3	-	-	-	-
Vendas de Automóveis e Veíc. Todo-o-Terreno	5.3	21.3	23.3	22.5	35.1	27.0	29.9	35.1
Matrículas de Automóv. e Veíc. Todo-o-Terreno	6.3	11.0	11.7	24.5	-	16.4	22.0	-
Vol. de Negócios da Indúst. Mobiliário (índice)	13.2	10.5	4.2	-6.3	-	-0.6	-	-

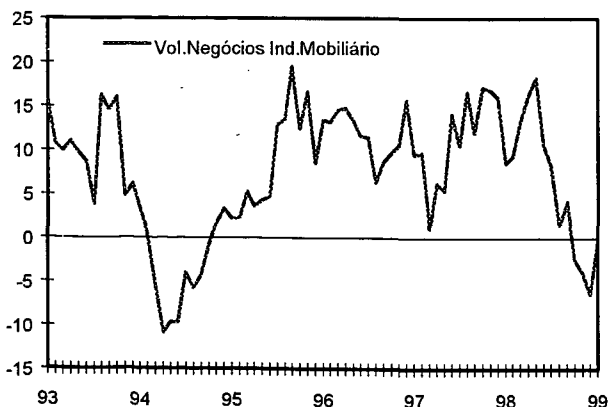
INDICADOR DE CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES



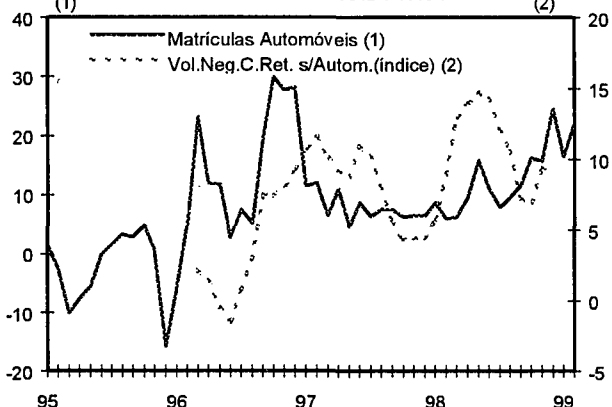
PROCURA INTERNA DE BENS DE



PROCURA INTERNA DE BENS
CONSUMO DURADOUROS



PROCURA INTERNA DE BENS
CONSUMO DURADOUROS



CONSUMO FINAL

O indicador de confiança dos consumidores voltou a recuperar durante o primeiro trimestre, o mesmo sucedendo com as apreciações das famílias quanto à sua situação financeira. A procura interna de bens de consumo manteve-se muito dinâmica, principalmente a componente de bens duradouros, sendo de salientar o forte crescimento das vendas de automóveis.

O indicador de confiança dos consumidores voltou a recuperar durante o primeiro trimestre, sugerindo uma tendência muito positiva por parte da despesa das famílias. A componente afectada a bens de consumo duradouros apresentou um comportamento particularmente dinâmico.

O dinamismo da procura interna de bens de consumo já contribuíra significativamente para o forte crescimento das importações ao longo de 1998. De facto, o valor das importações desses bens aumentou então 18,1 por cento.

Segundo as opiniões dos consumidores inquiridos pelo INE, a situação financeira das famílias manteve-se bastante favorável ao longo do primeiro trimestre, justificando o comportamento das vendas de bens de consumo no mercado interno.

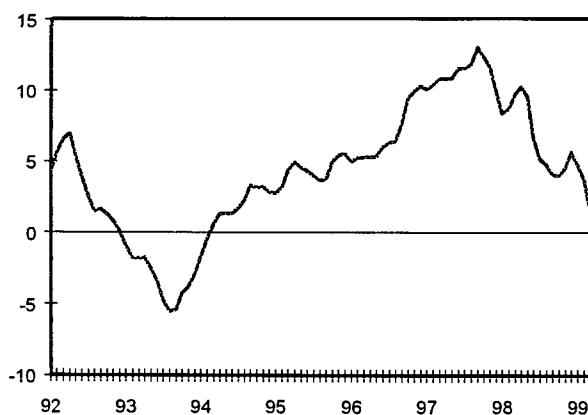
O crescimento do consumo corrente continuou muito positivo durante o primeiro trimestre, embora alguns indicadores apresentassem uma evolução menos intensa do que em períodos anteriores. O indicador das opiniões dos empresários do comércio a retalho de bens alimentares, vestuário e calçado foi o que conheceu uma evolução mais positiva, tendo o seu saldo melhorado significativamente durante esse período. O índice de volume de negócios no comércio a retalho deste tipo de bens já registara um crescimento homólogo de 11 por cento durante o quarto trimestre. Por sua vez, as vendas dos supermercados e hipermercados aumentaram 7,8 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro, apresentando um andamento semelhante ao apurado durante o quarto trimestre do ano passado. Menos intensa se revelou a evolução das vendas de gasolina, aumentando apenas 0,4 por cento durante o mesmo período, embora seja de ter em conta que as estatísticas preliminares deste

indicador têm vindo a conhecer importantes revisões em alta. Também o crescimento do número das dormidas na hotelaria tem vindo a abrandar, tendo baixado para 5,9 por cento durante o último trimestre do ano transacto.

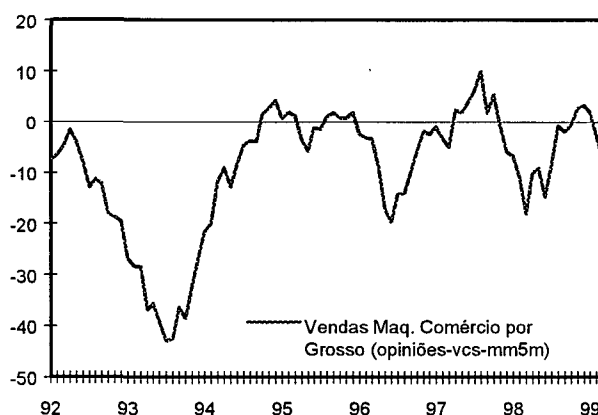
A procura global de bens de consumo duradouros manteve-se muito forte e em aceleração durante o primeiro trimestre. De facto, o saldo das opiniões dos empresários do comércio a retalho acerca das vendas deste tipo de bens (excluindo automóveis) melhorou significativamente durante este período, depois do respectivo índice de volume de negócios ter apresentado um crescimento homólogo de 9,3 por cento durante o último trimestre do ano passado. Pelo seu lado, as vendas de automóveis e de veículos todo-o-terreno novos apresentaram uma variação homóloga de 35,1 por cento ao longo do primeiro trimestre de 1999, o que constitui a evolução mais forte deste indicador durante o últimos anos. Dos indicadores conjunturais disponíveis relativos à procura interna de bens de consumo apenas o índice de volume de negócios da indústria de mobiliário surge com uma evolução desfavorável, tendo diminuído 0,6 por cento durante o trimestre terminado em Janeiro.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Jan.99	Fev.99	Mar.99
INVESTIMENTO								
Indicador Coincidente de FBCF	9.7	6.6	4.0	5.6	1.5	4.7	3.7	1.5
Crédito ao Investimento Empresarial (tvh)	23.3	25.3	11.1	21.6	-	X	X	X
CONSTRUÇÃO								
Vendas de Cimento	10.0	-0.2	0.2	9.9	-0.4	9.3	2.1	-0.4
Vendas de Varão para Betão	3.7	-14.6	-5.3	18.5	7.6	27.8	21.7	7.6
Prod. Indust. de Barro p/Construção (índice-tvh)	6.0	-0.7	7.8	13.9	-	X	X	X
Carteira de Encomendas (opiniões-ve)	-17	-16	-28	-35	-34	-35	-35	-33
Adjudic. Obras Públicas (valor-tv ano termin.em)	31.9	-0.1	-6.1	-49.7	-42.6	-49.7	-49.6	-42.6
Crédito para Compra de Habitação (valor-tvh)	51.7	53.7	59.3	40.0	-	X	X	X
Licenças p/ Construção de Habit. Novas	17.9	8.5	9.8	16.2	-	19.6	-	-
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS								
Vendas no Comércio por Grosso (opiniões)	-13	-10	10	-1	-14	5	1	-14
MATERIAL DE TRANSPORTE								
Vendas de Veículos Comerciais Ligeiros	14.7	2.4	6.9	21.3	-0.7	19.6	9.2	-0.7
Matrículas de Veíc. Comerciais Pesados Novos	40.2	10.7	-6.8	19.3	7.8	11.7	19.2	7.8

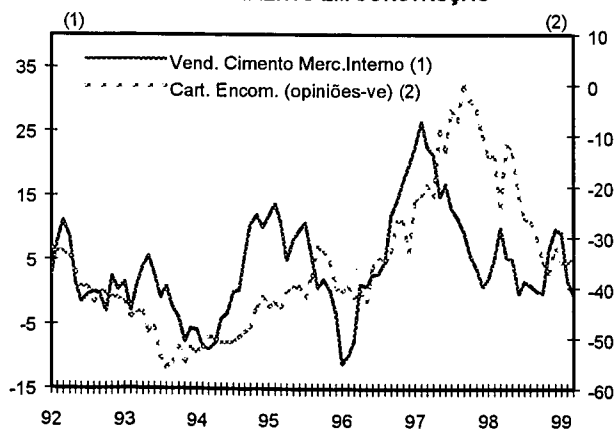
INDICADOR COINCIDENTE DO INVESTIMENTO



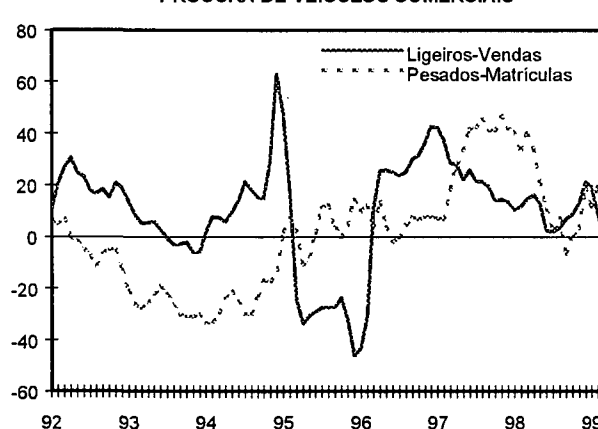
PROCURA DE MÁQUINAS



INVESTIMENTO EM CONSTRUÇÃO



PROCURA DE VEÍCULOS COMERCIAIS



INVESTIMENTO

O ritmo de crescimento do investimento abrandou significativamente ao longo do primeiro trimestre. As componentes do investimento em construção e em veículos comerciais ligeiros foram as que mais desaceleraram mas também o investimento em máquinas e em veículos comerciais pesados evoluiu menos intensamente que no trimestre anterior.

O indicador coincidente do investimento conheceu um crescimento homólogo de 1,5 por cento ao longo do primeiro trimestre, contra 5,6 por cento no trimestre anterior. O comportamento desfavorável do indicador global resultou da perda de dinamismo de todas as componentes do investimento, mesmo da procura de habitação por parte das famílias, apesar desta ter mantido um crescimento ainda muito intenso.

O abrandamento do investimento em material de transporte foi mais visível na evolução das vendas de veículos comerciais ligeiros, que apresentaram inclusivamente uma queda homóloga de 0,7 por cento durante o primeiro trimestre. Mas também o crescimento homólogo das matrículas de veículos comerciais pesados novos registou uma importante desaceleração, embora se situasse ainda em 7,8 por cento durante o mesmo período.

Por sua vez, a procura interna de máquinas terá também evoluído menos intensamente do que no trimestre anterior, segundo se depreende das opiniões dos empresários do comércio por grosso de máquinas quanto ao andamento do seu volume de vendas. Como referência, é de ter em conta que a importação de máquinas, que satisfaz a maior fatia da procura interna destes bens, terá conhecido um crescimento real de 20 por cento durante o conjunto do ano de 1998 e de 25 por cento durante o seu quarto trimestre.

Apesar do valor dos concursos abertos ter subido significativamente durante o primeiro trimestre e da quebra homóloga das adjudicações de obras públicas se ter atenuado bastante durante este período, o andamento deste indicador manteve uma evolução muito negativa, de 42,6 por cento, durante o ano terminado em Março de 1999.

O fraco dinamismo das obras públicas continuou, por isso, a ser o principal responsável pelo saldo muito

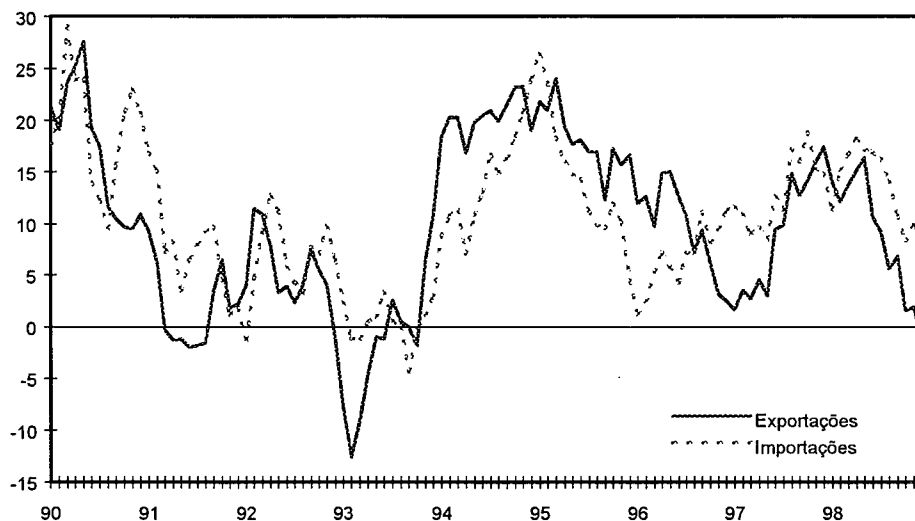
desfavorável das apreciações dos empresários da construção relativamente ao nível da sua carteira de encomendas. Mas também o crescimento da procura de habitação por parte das famílias terá registado uma subida homóloga um pouco menos forte durante o primeiro trimestre de 1999, segundo se depreende das apreciações dos empresários inquiridos pela AECOPS relativamente à venda de fogos. O abrandamento do crescimento da procura de habitação já fora visível durante o último trimestre de 1998, embora o valor do novo crédito então contratado para este efeito tivesse ainda registado uma subida homóloga de 40 por cento. O abrandamento verificado no primeiro trimestre de 1999 deverá também estar associado a evoluções ainda muito fortes da procura, uma vez que o saldo das apreciações empresariais relativamente à venda de fogos continuou a situar-se num nível historicamente muito elevado.

A procura de materiais de construção revelou também um menor crescimento durante este período, tendo as vendas de cimento registado uma ligeira descida em relação ao período homólogo, enquanto o crescimento das vendas de varão para betão baixava para 7,6 por cento.

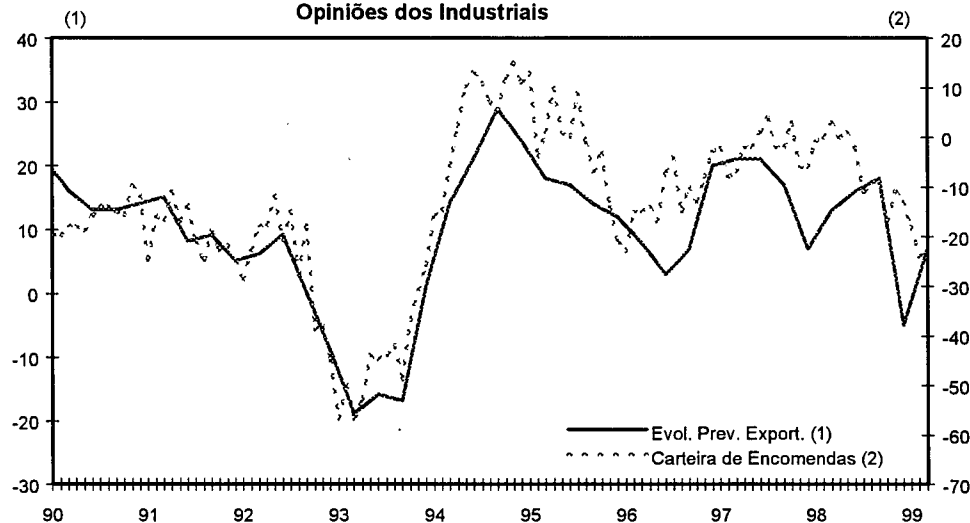
O facto do crescimento da procura de habitação continuar a revelar-se forte, justifica a subida homóloga muito acentuada, de 19,6 por cento, do número de licenças concedidas para a construção de novas habitações durante o trimestre terminado em Janeiro.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Jan.99	Fev.99	Mar.99
PROCURA EXTERNA								
Indicador de Procura Externa em valor (ECU)	13.2	7.9	4.5	0.1	-	-0.2	-	-
Exportações de Mercadorias em valor (Esc.)	13.7	10.7	6.8	-1.3	-	-	-	-
Intra-União Europeia	12.6	13.0	9.1	1.7	-	-	-	-
Extra-União Europeia	19.0	0.7	-2.2	-13.7	-	-17.6	-18.0	-
Exportações de Mercadorias em volume (tvh)	11.4	8.8	9.5	-	-	X	X	X
Carteira de Encomendas Externa (opiniões-ve)	1	0	-10	-14	-21	-18	-24	-22
Evol.Previsa das Export.(opiniões-vcs-valor trim.)	13	16	18	-5	7	X	X	X
IMPORTAÇÕES								
Importações de Mercadorias em valor (Esc.)	16.7	17.0	10.8	8.2	-	-	-	-
Importações de Mercadorias em volume (tvh)	16.2	17.2	15.7	-	-	X	X	X
TAXA DE COBERTURA (vcs-mm3m)	66.4	65.7	63.7	63.3	-	-	-	-

EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL



PROCURA EXTERNA
Opiniões dos Industriais



PROCURA EXTERNA

A procura externa líquida forneceu uma contribuição bastante negativa para o crescimento do PIB em 1998. Com o decorrer do ano, as exportações de mercadorias foram perdendo dinamismo enquanto a procura interna continuava a estimular as importações. Esta tendência ter-se-á mantido durante o primeiro trimestre de 1999.

O valor das exportações de mercadorias portuguesas apresentou uma subida homóloga de 7,2 por cento durante o conjunto do ano passado. A evolução em volume foi muito próxima, dado que os preços de exportação conheceram uma subida homóloga de apenas 0,3 por cento entre Janeiro a Novembro. Por sua vez, o valor das importações aumentou 13,1 por cento em 1998, tendo os seus preços caído 2,1 por cento entre Janeiro e Novembro. Assim, em termos reais, o crescimento das importações terá suplantado o das exportações em cerca de 8,6 pontos percentuais, daí resultando uma contribuição muito negativa da procura externa líquida para o crescimento do PIB em 1998.

O andamento das exportações foi desacelerando ao longo do ano, tendo o seu valor crescido, em termos homólogos, apenas 2 por cento durante o segundo semestre, contra 12 por cento na primeira metade do ano. Durante o último trimestre de 1998, as exportações apresentaram já uma descida de 1,3 por cento.

As exportações portuguesas seguiram de perto a procura no exterior, como se depreende do comportamento do valor das importações, em Euros, dos principais países clientes de Portugal. Este indicador estagnou durante o quarto trimestre de 1998 e caiu ligeiramente durante o trimestre terminado em Janeiro.

As avaliações dos industriais portugueses acerca da sua carteira de encomendas externa sugerem que as exportações continuaram a fraquejar durante o primeiro trimestre de 1999.

Os mercados extra-comunitários foram aqueles em que as exportações evoluíram mais desfavoravelmente, tendo o seu valor caído 13,7 por cento durante o quarto trimestre de 1998 e cerca de 16,3 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro.

Mas as vendas para a UE conheceram também um significativo abrandamento, tendo o seu valor apresentado uma subida homóloga de apenas 1,7 por cento durante o quarto trimestre de 1998.

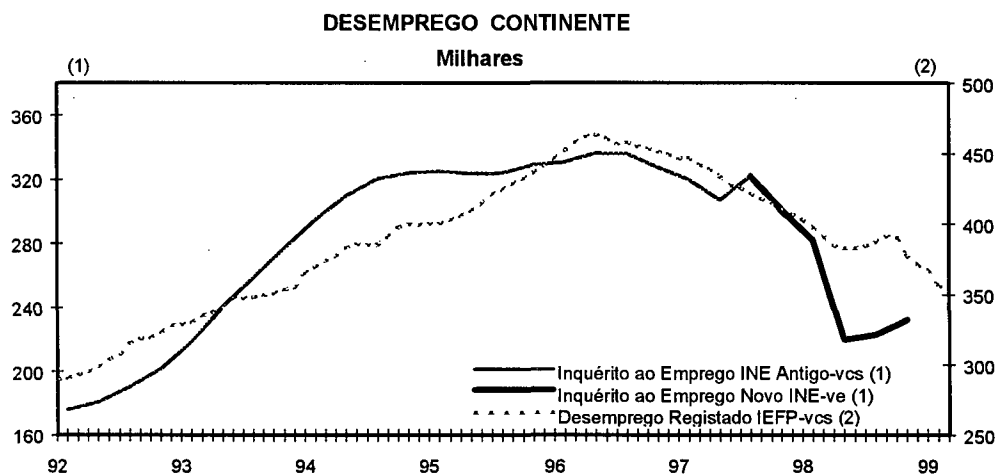
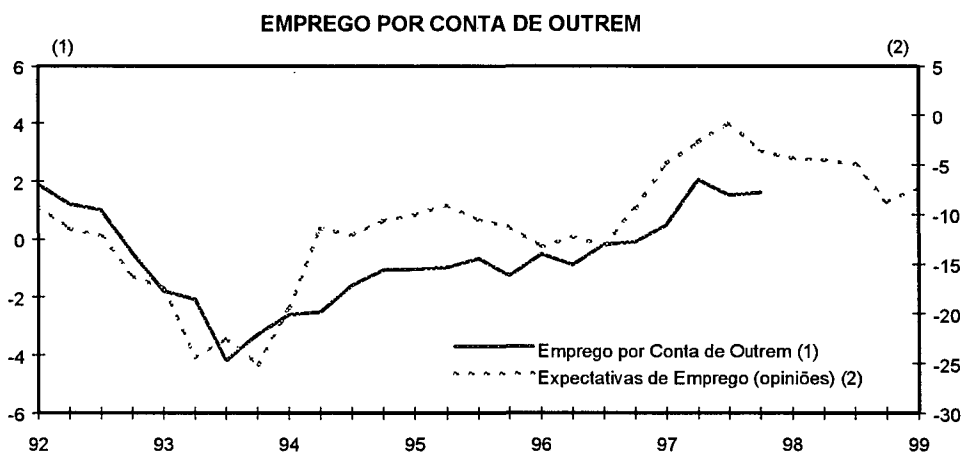
Contrariamente, as importações mantiveram um forte crescimento até ao final de 1998, em termos nominais e em termos reais, apesar do seu ritmo de crescimento ter também abrandado. De facto, o crescimento homólogo do valor das importações baixou de 16,5 por cento no primeiro semestre para 9,5 por cento na segunda metade do ano, situando-se ainda em 8,2 por cento durante o quarto trimestre.

O crescimento do valor das importações de bens intermédios e de combustíveis desacelerou significativamente ao longo de 1998, devido a uma evolução no mesmo sentido das quantidades e a uma quebra dos preços. Mas as importações de bens de consumo e de bens de investimento mantiveram-se muito fortes, verificando-se, inclusivamente alguma aceleração do crescimento das importações de bens de consumo e de máquinas durante o último trimestre.

Assim, o valor das importações de bens de consumo (excluindo automóveis) aumentou 18,1 por cento em 1998, enquanto o valor das importações de máquinas e de material de transporte (incluindo automóveis) subia 21,3 por cento. Pelo seu lado, as importações de bens intermédios aumentaram 10 por cento, enquanto as de combustíveis diminuíam 22,4 por cento. Saliente-se que a variação homóloga do valor das importações de bens intermédios foi já de apenas 1 por cento durante os últimos três meses do ano passado.

O comportamento diferenciado das importações reflecte a retracção da actividade industrial, no caso dos bens intermédios, e o forte dinamismo da procura interna, nos casos dos bens de consumo e de investimento.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Jan.99	Fev.99	Mar.99
EMPREGO E DESEMPREGO								
EMPREGO - INE (Continente)								
Emprego Total (tvh)	-	-	2.8	2.2	-	X	X	X
Emprego na Indústria Transformadora (tvh)	-	-	-1.2	-4.1	-	X	X	X
Emprego na Construção (tvh)	-	-	7.3	10.7	-	X	X	X
Emprego nos Serviços (tvh)	-	-	4.8	5.8	-	X	X	X
Emprego por Conta de Outrem (tvh)	-	-	3.8	4.0	-	X	X	X
Indicador de Expectat.de Emprego (opiniões-ve)	-4	-5	-5	-9	-7	X	X	X
DESEMPREGO - INE (Continente - ve)								
Total (milhares)	281.9	219.8	223.1	232.1	-	X	X	X
Taxa de Desemprego (valor trimestral)	5.9	4.6	4.7	4.9	-	X	X	X
DESEMPREGO - IEFP (País - vcs - milhares)								
Desempregados Inscritos no Fim do Mês	404.3	395.3	405.9	385.8	364.4	380.6	369.1	364.4
Desempreg. Inscritos ao Longo do Mês (mm3m)	33.5	33.7	34.0	34.5	34.5	34.8	34.5	34.5
DESEMPREGO - EXPECTATIVAS								
Inquérito aos Consumidores(Opiniões-ve-mm3m)	24	21	19	24	19	23	21	19
SALÁRIOS - Total (mm3m)	3.2	3.3	3.3	3.1	3.2	3.3	3.2	3.2



EMPREGO E SALÁRIOS

O mercado de emprego melhorou durante o primeiro trimestre. Até ao final de Março, verificou-se uma recuperação do número de ofertas de emprego e uma melhoria das expectativas das empresas relativamente à criação de novos empregos. O número de desempregados inscritos voltou a cair enquanto melhoravam ligeiramente as apreciações das famílias quanto ao andamento do desemprego.

O número de desempregados inscritos nos centros de emprego voltou a baixar em Março, sendo inferior em 9,9 por cento ao do período homólogo. Corrigido da sazonalidade, o seu nível é o mais baixo desde Dezembro de 1993. Tendo em conta a descida dos desempregados inscritos entre Dezembro e Março últimos, é provável que a taxa de desemprego para o conjunto do País, resultante do inquérito realizado pelo INE junto das famílias, conheça também uma descida durante este período. Esta taxa situou-se em 4,8 por cento durante o quarto trimestre de 1998.

A mesma sensibilidade sobre a evolução do desemprego é transmitida pelo inquérito de opinião realizado junto das famílias, cujo saldo conheceu uma descida durante o primeiro trimestre do corrente ano.

A melhoria do mercado de emprego, que esteve na origem desta descida do desemprego, é perceptível na subida do número de novas ofertas de emprego, quer em termos homólogos quer face ao trimestre precedente. Em termos homólogos, a subida das novas ofertas de emprego situou-se em 14,7 por cento durante o primeiro trimestre. A reanimação do mercado de emprego foi também visível na recuperação do conjunto das expectativas dos empresários, sobretudo do comércio, da construção e da prestação de serviços às empresas.

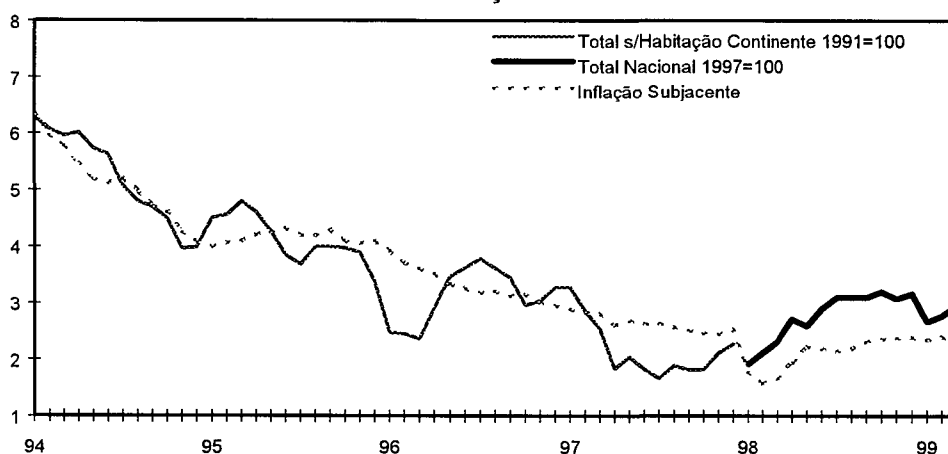
Por sua vez, o número corrigido da sazonalidade das inscrições de novos desempregados estabilizou entre o quarto trimestre de 1998 e o primeiro trimestre de 1999, em torno de uma média mensal de 34,5 mil, após uma subida continuada ao longo de 1998. A maior percentagem, cerca de 30 por cento, destas inscrições diz respeito a pessoas que cessaram um contrato de trabalho temporário. Corrigido da sazonalidade, o número dos desempregados inscritos por este motivo

baixou ligeiramente entre o quarto trimestre de 1998 e o primeiro trimestre de 1999, tendo também descido o número de inscrições de pessoas que se despediram. O número de pessoas inscritas por cessação de contrato de trabalho temporário tinha aumentado de uma forma quase contínua durante os dois últimos anos. Inversamente, constatou-se uma subida durante o primeiro trimestre de 1999 do número de pessoas inscritas devido a despedimento, o segundo motivo de inscrição mais importante.

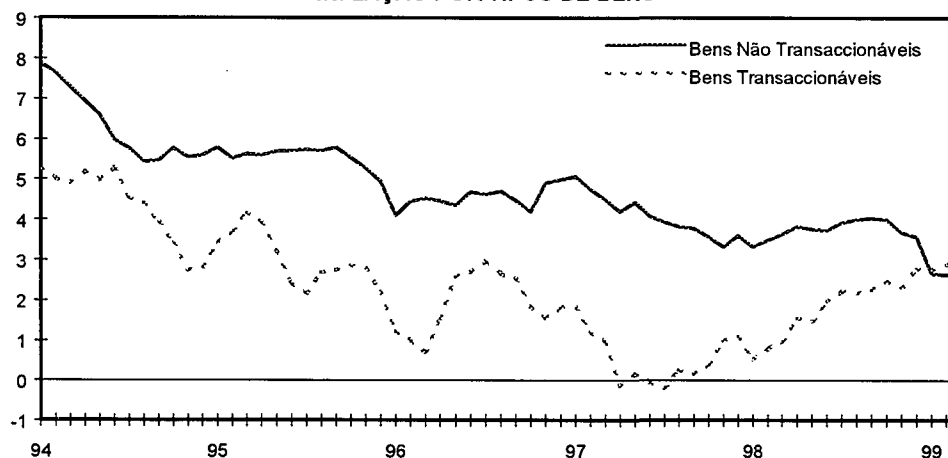
Por sua vez, os salários contratados conheceram uma subida nominal anualizada de 3,2 por cento durante o primeiro trimestre de 1999. Esta evolução é idêntica à observada, em média, ao longo do ano passado. Tendo em conta que a variação homóloga do índice de preços no consumidor se situou neste período em 2,8 por cento, resulta um aumento real de 0,4 por cento por parte do poder de compra destes salários. No entanto, as apreciações das famílias acerca da sua situação financeira atingiram um nível muito favorável ao longo do ano passado e melhoraram um pouco durante o primeiro trimestre do corrente ano, deixando implícita uma progressão mais acentuada por parte do poder de compra das famílias do que a fornecida pela evolução dos salários contratados.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Jan.99	Fev.99	Mar.99
PREÇOS NO CONSUMIDOR (valores mensais)								
Índice Nacional	2.1	2.7	3.1	3.1	2.8	2.7	2.8	3.0
Índice Harmonizado	1.4	2.3	2.4	2.7	-	2.5	2.7	2.8
Indicador de Inflação Subjacente	1.7	2.1	2.2	2.4	2.4	2.3	2.4	2.3
Índice Transaccionáveis	0.8	1.7	2.2	2.5	3.0	2.8	2.9	3.3
Não Alimentares	0.2	1.1	1.5	1.9	2.5	2.4	2.5	2.5
Índice Não Transaccionáveis	3.5	3.8	4.0	3.8	2.6	2.7	2.6	2.6
Índice Bens	0.9	1.8	2.3	2.4	2.3	2.2	2.2	2.5
Índice Serviços	4.6	4.8	4.9	4.7	3.9	3.8	3.9	3.9
PREÇOS NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA								
Preços de Produção (índice)	-2.7	-2.7	-5.6	-7.8	-	-8.0	-	-
Preços de Produção (índice excl. Alim.e Energ.)	2.5	2.0	1.1	0.2	-	0.0	-	-
Expectativas de Preços (opiniões)	7	5	4	-1	-1	-1	-2	-1
EVOLUÇÃO CAMBIAL								
Taxa de Câmbio Efectiva (índice mensal)	-3.8	-2.2	0.3	0.9	-	-	-	-
Câmbio ECU/Esc. (valor mensal)	-3.8	-2.9	-1.3	-0.1	0.9	0.8	0.8	1.2
Câmbio Dólar/Esc. (valor mensal)	-10.6	-6.1	1.4	5.1	4.2	7.6	3.9	1.5

TAXA DE INFLAÇÃO MENSAL



INFLAÇÃO POR TIPOS DE BENS



PREÇOS E CÂMBIOS

A inflação voltou a subir em Março, tendo a variação homóloga mensal atingido 3 por cento. Esta subida ficou, de novo, a dever-se essencialmente ao comportamento dos preços dos bens alimentares, tendo a inflação subjacente mantido um comportamento relativamente estável.

A percentagem de variação homóloga mensal do índice de preços no consumidor subiu em Março para 3 por cento, tendo a percentagem de variação média anual estabilizado em 2,9 por cento. Por sua vez, a variação homóloga mensal do índice de preços no consumidor harmonizado aumentou também, de 2,7 por cento para 2,8 por cento, entre Fevereiro e Março.

No entanto, a tendência de fundo da inflação manteve-se relativamente estável, à semelhança do verificado desde o início do quarto trimestre de 1998, tendo a percentagem de variação homóloga mensal do indicador da inflação subjacente conhecido mesmo um ligeiro recuo, de 2,4 por cento para 2,3 por cento, durante o mês de Março.

A subida da inflação resultou essencialmente do comportamento dos preços de alguns bens alimentares e bebidas, embora os preços de outros bens e serviços tivessem também acelerado. Assim, a percentagem de variação homóloga da classe de "bens alimentares e bebidas não alcoólicas" viu a sua variação homóloga passar de 3,2 por cento para 3,9 por cento, enquanto a variação homóloga dos preços "das bebidas alcoólicas e tabaco" atingia 9,9 por cento em Março, contra 9,6 por cento em Fevereiro. O azeite, as frutas, as batatas e as bebidas alcoólicas foram determinantes nestas subidas.

Mas também as classes de produtos em que se dividem as despesas com a habitação, a classe de "lazer, recreação e cultura" e o subgrupo dos "restaurantes e cafés" viram a sua inflação subir.

Em termos de análise por grandes grupos económicos, verifica-se que a inflação, medida pela variação homóloga mensal, subiu nos bens transaccionáveis, de 2,9 por cento para 3,3 por cento, enquanto estabilizava, em 2,6 por cento, nos bens não transaccionáveis.

Do lado dos preços dos bens transaccionáveis, a subida da inflação foi da inteira responsabilidade da sua componente alimentar, cuja variação homóloga passou de 3,6 por cento para 4,5 por cento, enquanto a variação homóloga da componente não alimentar estabilizava em 2,5 por cento.

Também a inflação do conjunto dos serviços apresentou um andamento estável, tendo a percentagem de variação homóloga do respectivo índice de preços permanecido em 2,9 por cento, enquanto a do conjunto dos bens subia para 2,5 por cento.

Tanto os preços de importação como os preços de venda à saída da fábrica têm fornecido uma importante contribuição para a contenção da inflação, embora a depreciação do Euro face ao dólar desde o início do corrente ano tenha criado um clima um pouco menos favorável que o que prevaleceu ao longo de 1998. Esta depreciação do Euro não impediu que os preços das matérias-primas não energéticas mantivessem uma quebra acentuada, embora os efeitos das subidas, mais recente, do petróleo e, já mais antiga, de alguns produtos agrícolas devam estar a ser ampliados internamente devido a essa depreciação.

De qualquer modo, será de ter em conta que os preços de venda à saída da fábrica caíram, face ao período homólogo, 8 por cento durante o trimestre terminado em Janeiro, tendo, a variação homóloga do índice que exclui os produtos alimentares e os derivados de petróleo sido nula nesse período. Por outro lado, as expectativas dos industriais apontavam no final de Março para que a evolução dos seus preços de venda continuasse a abrandar, o que é consistente com a contínua desaceleração da actividade industrial na UE.

NOTAS

Com excepção de situações devidamente identificadas, os valores que constam nos quadros e gráficos e que servem de referência para a análise são, no caso das séries quantitativas, variações homólogas em média móvel de 3 meses ou, no caso das séries qualitativas, médias móveis de 3 meses de valores corrigidos da sazonalidade (v.c.s.).

Página 2. Enquadramento Externo.

PIB dos países clientes. Agregação da variação homóloga do PIB (1990=100), a preços constantes, dos Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Espanha, Itália, Holanda, Suécia, Dinamarca e Suíça; ponderadores: estrutura das exportações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Produção Industrial - Países Clientes. Agregação dos índices de produção industrial (1990=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica e excluindo Suíça e Dinamarca), utilizando idênticos ponderadores. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços de Produção - Países Fornecedores. Agregação dos índices de preços de produção (1990=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica); ponderadores: estrutura das importações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços no Consumidor - UE. Harmonizado. Fonte: EUROSTAT.

Taxa de Desemprego - UE. Fonte: OCDE.

Carteira de Encomendas - Indústria da UE. Inquérito à Indústria Transformadora. (Nota: a partir de 1991, a série sofreu alterações devido à inclusão dos novos Länders da Alemanha) Fonte: CE.

Indicador de Confiança dos Consumidores - UE. Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE.

Índice de Preços de Matérias Primas ("The Economist"). 1990=100, em dólares.

Página 4. Actividade Económica.

Indicador de Clima Económico. Variável estimada com base em séries dos inquéritos de opinião à indústria transformadora, ao comércio, à construção e à indústria transformadora da UE. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicador de Actividade Económica. Variável estimada com séries quantitativas. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicadores de Clima na Indústria, no Comércio e na Construção. Variáveis estimadas com base em séries qualitativas dos respectivos inquéritos de opinião. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Índice (1990=100) de Produção da Indústria Transformadora, Índices (1995=100) de Volume de Negócios do Comércio a Retalho e da Indústria Transformadora, Procura Interna de Bens Intermédios. Fonte: INE.

Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto. Fonte: Direcção Geral de Turismo, Ministério da Economia (M.E.).

Consumo de Energia Eléctrica. Evolução corrigida da temperatura e do número de dias úteis. Fonte: EDP.

Consumo Industrial de Energia Eléctrica. Fonte: EDP.

Consumo de Fuel - Indústria Transformadora. Fonte: Petrolgal.

Página 6. Consumo Final.

Consumo Público. Fonte: Direcção Geral do Orçamento, Ministério das Finanças (M.F.).

Indicador de Confiança dos Consumidores - Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE até Julho de 1996; entre Agosto de 1996 e Agosto de 1997, estimação do GE - INE; a partir de Setembro de 1997, inquérito do INE.

Situação Financeira das Famílias - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Crédito a Particulares para Outros Fins (excluindo habitação). Valores de fim do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Operações Multibanco. Montantes de levantamentos de nacionais, de pagamentos de serviços e compras TPA. Fonte: SIBS.

Procura Interna de Bens de Consumo Industriais, Vendas no Comércio a Retalho (opiniões e índices), Importação de Automóveis,

Índice de Volume de Negócios da Indústria de Mobiliário, Dormidas na Hotelaria. Fonte: INE.

Vendas de Super e Hipermercados. Fonte: APED.

Vendas de Gasolina. Fonte: Petrolgal.

Vendas e Matrículas (Emissão de Livretes) de Automóveis e de Veículos de Todo-o-Terreno. Fonte: ACAP.

Página 8. Investimento.

Indicador Coincidente. Agregação ponderada de indicadores de investimento na construção, máquinas e veículos comerciais. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Crédito ao Investimento Empresarial. Crédito a empresas não financeiras. Valor no final do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Vendas de cimento. Fonte: CIMPOR e SECIL.

Vendas de Varão para Betão. Fonte: Siderurgia Nacional e INE (importações).

Índice de Produção de Barro para Construção (1990=100), Carteira de Encomendas na Construção, Licenças para Construção,

Vendas de Máquinas no Comércio por Grosso, Importações de Outro Material de Transporte. Fonte: INE;

Crédito para Compra de Habitação. Fluxos trimestrais. Fonte: Direcção Geral do Tesouro, M.F..

Adjudicações de Obras Públicas. Fonte: AECOPS.

Vendas e Matrículas de Veículos Comerciais. Fonte: ACAP.

Página 10. Procura Externa.

Indicador de Procura Externa. Agregação ponderada do valor (em ECU) das mercadorias importadas pelos principais países clientes de Portugal (os mesmos utilizados para o PIB dos países clientes, mais a Bélgica e menos a Holanda). Fonte: OCDE.

Exportações de Mercadorias (Nota: a partir de Janeiro de 1998, procedeu-se ao ajustamento de parte do valor estatístico relativo ao comércio com a União Europeia), Importações de Mercadorias, Carteira de Encomendas, Volume Exportado - Previsto - e Taxa de Cobertura. Fonte: DGREI, M.E., e INE.

Página 12. Emprego e Salários.

Emprego - Inquérito Antigo às Famílias até 4º trimestre de 1997; Inquérito Novo às Famílias a partir do 3º trimestre de 1998, Desemprego - Inquérito Novo às Famílias, Expectativas de Emprego. Fonte: INE.

Desemprego - Mercado de Emprego. Fonte: IEFP.

Expectativas de Desemprego - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Salários. Variação Média Ponderada Intertabelas, anualizada. Fonte: Gabinete de Estudos de Rendimento do Trabalho, Ministério Para a Qualificação e o Emprego.

Página 14. Preços e Câmbios.

Índices de Preços no Consumidor Total sem Habitação (1991=100) - Continente até Dezembro de 1997; Índices de Preços no Consumidor Total (1997=100) - Nacional a partir de Janeiro de 1998. Produção na Indústria (1995=100) e Expectativas sobre Preços na Indústria. Fonte: INE.

Inflação Subjacente. Estimada com base em índices de preços no consumidor (1997=100) de 67 subgrupos de produtos. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Índices de Preços de Exportação e de Importação (1996=100). Comércio de Mercadorias. Fonte: DGREI, ME.

Informação sobre Câmbios. Fonte: Banco de Portugal.

LISTA DE PUBLICAÇÕES

Algumas Publicações
Editadas pelo INE

* PORTES DE CORREIO

	PORTUGAL		EUROPA		RESTO DO MUNDO	
	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso
1	1.920\$00	160\$00	5.040\$00	420\$00	9.300\$00	775\$00
2	1.020\$00	85\$00	2.520\$00	210\$00	4.080\$00	340\$00
3	340\$00	85\$00	840\$00	210\$00	1.360\$50	340\$00
4	170\$00	85\$00	420\$00	210\$00	680\$00	340\$00
5	285\$00	285\$00	765\$00	765\$00	1.480\$00	1.480\$00
6	560\$00	560\$00	1.325\$00	1.325\$00	2.600\$00	2.600\$00
7	900\$00	300\$00	2.295\$00	765\$00	4.440\$00	1.480\$00

METODOLOGIAS, NOMENCLATURAS E CONCEITOS	AVULSO	ASSIN.	*
Nomenclatura Combinada - Comércio Internacional 1999	7.700\$00		
Nomenclaturas Territoriais Designações e Códigos 1998	3.600\$00		
ESTATÍSTICAS GERAIS			
Anuário Estatístico de Portugal 1997	10.200\$00	8.160\$00	6
Boletim Mensal de Estatística 1999 (x 12)	2.400\$00	23.000\$00	1
Portugal em Números 1997	Gratuito		
POPULAÇÃO AMBIENTE CONDIÇÕES SOCIAIS			
Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 1997	3.800\$00	3.000\$00	5
Série Estimativas Provisórias Nº 27	3.680\$00		
Portugal Social 1991/1995	6.000\$00		
Estatísticas da Protecção Social 1997	2.160\$00	1.730\$00	5
Estatísticas da Saúde 1997	8.400\$00	6.720\$00	6
Estatísticas Demográficas 1997	6.730\$00	5.380\$00	6
Estatísticas do Ambiente 1997	3.000\$00	2.400\$00	5
Estatísticas do Emprego 1998 (Trimestral)	840\$00	2.690\$00	3
Associações Culturais e Recreativas 1995	1.500\$00		
AGRICULTURA, SILVICULTURA E PESCA			
Estatísticas da Pesca 1997	3.040\$00	2.430\$00	5
Inquérito às Plantações de Árvores de Fruto 1998	1.500\$00		
Estatísticas Agrícolas 1997	4.210\$00	3.370\$00	5
Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas 1997	4.200\$00		
Pescas em Portugal 1986 - 1996	6.300\$00		
Estatísticas da Produção Agro-Industrial 1992-1995	1.500\$00		
Contas Económicas da Agricultura 1998	1.500\$00		
Estado das Culturas e Previsão das Colheitas 1999	240\$00	2.300\$00	2
INDÚSTRIA, CONSTRUÇÃO E ENERGIA			
Estatísticas da Construção de Edifícios 1997	2.120\$00	1.700\$00	5
Estatísticas da Produção Industrial 1996	3.600\$00	2.880\$00	6
Índices de Produção Industrial 1999	230\$00	2.200\$00	2
Estatísticas das Empresas - Construção 1996	1.180\$00	940\$00	5
Inquérito Mensal à Construção e Obras Públicas 1999	650\$00	6.200\$00	2
Índices de Preços na Produção Industrial 1999	430\$00	4.100\$00	2
Índices de Volume de Negócios, Emprego, Remunerações e Horas Trabalhadas na Indústria 1999	380\$00	3.600\$00	2
Inquérito Mensal à Indústria Transformadora 1999	720\$00	6.900\$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura Serviços Prestados às Empresas 1999	300\$00	2.900\$00	2
COMÉRCIO INTERNACIONAL			
Comércio Internacional 1999	880\$00	8.500\$00	2
Estatísticas do Comércio Internacional 1997	8.400\$00	6.720\$00	6
Comércio ExtraComunitário 1999	700\$00	6.700\$00	2
COMÉRCIO INTERNO, TURISMO E OUTROS SERVIÇOS			
Estatísticas do Turismo 1997	4.440\$00	3.560\$00	6
Estatísticas dos Transportes e Comunicações 1997	6.300\$00	5.040\$00	6
Estatísticas dos Transportes Rodoviários de Passageiros e de Mercadorias 1996/1997	2.600\$00		
Gastos dos Estrangeiros não Residentes Residentes em Portugal 1997	1.220\$00		
Estabelecimentos Comerciais 1997	1.130\$00	900\$00	4
Índice do Volume de Negócios no Comércio a Retalho 1999	190\$00	1.800\$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura ao Comércio 1999	1.300\$00	12.500\$00	2
ECONOMIA E FINANÇAS			
Estatísticas das Receitas Fiscais 1996	3.070\$00	2.460\$00	6
Empresas em Portugal 1990 - 1995	2.190\$00		
Painel de Empresas 1996 - 1997	1.800\$00	1.400\$00	5
Estatísticas Monetárias e Financeiras 1997	5.500\$00		
Sistema de Contas Integradas das Empresas 1994 - 1995	3.750\$00		
Índice de Preços no Consumidor 1999	1.400\$00	13.400\$00	2
Contas Nacionais 1995	2.070\$00		
Síntese Económica Mensal 1999	480\$00	4.600\$00	2
ESTATÍSTICAS REGIONAIS			
Contas Regionais 1990-1994	3.000\$00		
Retrato das Regiões 1998	5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Lisboa e Vale do Tejo 1997	5.820\$00		
Inquérito ao Emprego Região de Lisboa e Vale do Tejo (NUTS III) 1998 (Semestral)	600\$00		
Índice de Preços no Consumidor - Região de Lisboa e Vale do Tejo 1999 (Mensal)	600\$00	5.800\$00	2
Anuário Estatístico da Região Algarve 1997	3.940\$00		
Inventário Municipal da Região Algarve 1998	4.600\$00		
Anuário Estatístico da Região ALENTEJO 1997	4.650\$00		
Os Municípios do Alentejo 1997	8.000\$00		
Os Municípios do Algarve 1998	5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Centro 1997	6.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Norte 1997	4.140\$00		
ESTUDOS			
Revista de Estatística 1998 (quadrimestral)	2.310\$00	5.540\$00	7



* C J 0 7 9 9 0 2 *